

OBSERVATÓRIO DAS DESIGUALDADES
ESTUDO | FEVEREIRO DE 2026

POBREZA E DESIGUALDADES SOCIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS QUINTIS DE RENDIMENTO

INÊS TAVARES | RENATO MIGUEL DO CARMO

COMO CITAR

Tavares, Inês; e Renato Miguel do Carmo (2026), Pobreza e desigualdades sociais: uma análise a partir dos quintis de rendimento, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

Disponível em:

<https://www.observatorio-das-desigualdades.com/2025/11/24/pobreza-e-desigualdades-sociais-uma-analise-a-partir-dos-quintis-de-rendimento-de-ines-tavares-e-renato-miguel-do-carmo>

DOI: 10.15847/CIESODPobrezaquintis

ÍNDICE

COMO CITAR	1
INTRODUÇÃO	4
NOTA METODOLÓGICA.....	5
CONDIÇÕES SOCIAIS	6
MERCADO DE TRABALHO	10
TERRITÓRIO	13
AGREGADOS FAMILIARES	16
NOTAS FINAIS	20

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Quintis de rendimento segundo o nível de escolaridade, 2023	7
Figura 2. Quintis de rendimento segundo o sexo, 2023.....	8
Figura 3. Quintis de rendimento segundo a pertença étnico-racial, 2023	9
Figura 4. Quintis de rendimento segundo a condição financeira do agregado familiar, 2023	10
Figura 5. Quintis de rendimento segundo a condição perante o trabalho, 2023.....	11
Figura 6. Quintis de rendimento segundo o tipo de contrato, 2023	12
Figura 7. Quintis de rendimento segundo o trabalho a tempo completo ou a tempo parcial, 2023	13
Figura 8. Quintis de rendimento segundo a tipologia de áreas urbanas, 2023	14
Figura 9. Quintis de rendimento segundo a região NUTSII, 2023	15
Figura 10. Quintis de rendimento segundo o tipo de agregado, 2023	17
Figura 11. Quintis de rendimento segundo a dimensão do agregado, 2023.....	18
Figura 12. Quintis de rendimento segundo o número de filhos, 2023	19

INTRODUÇÃO

A pobreza e as desigualdades sociais continuam a constituir alguns dos desafios mais persistentes das sociedades contemporâneas. O presente estudo tem como objetivo aprofundar a sua análise por via da distribuição de rendimento, focando 5 quintis (dos 20% mais pobres aos 20% mais ricos), de modo a compreender a relação entre a escolaridade, a situação perante o trabalho, a composição do agregado, o sexo, a área de residência ou a pertença étnico-racial e o rendimento.

Para tal, o estudo divide-se em 4 principais temas – mercado de trabalho; território; agregados familiares; e escolaridade, sexo e pertença étnico-racial – e utiliza como fonte o ICOT (Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente)¹.

A abordagem do presente estudo centra-se numa leitura comparativa que permite compreender, por exemplo, que determinados grupos sociais se encontram sistematicamente concentrados nos rendimentos mais baixos, enquanto outros apresentam maior presença nos rendimentos mais elevados.

¹ Para mais informações acerca deste inquérito, consultar a nota metodológica.

NOTA METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento do presente estudo, explora-se a base de dados do ICOT (Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente), obtida através de um protocolo celebrado entre o CIES-IUL, por via do Observatório das Desigualdades, e o INE. A dimensão da amostra situa-se nas 35.035 unidades de alojamento, sendo a população alvo indivíduos dos 18 aos 74 anos residentes em Portugal. A seleção do respondente foi um indivíduo por alojamento (o último a celebrar o aniversário) e a recolha de dados foi feita entre janeiro e agosto de 2023. Para obter mais informações acerca do inquérito e respetivas normas metodológicas, consultar este [link](#).

Apesar do inquérito fornecer informação variada sobre diferentes dimensões, este estudo foca-se nos rendimentos, apresentados em quintis de rendimento, cruzando com variáveis sociais e económicas (Condição perante o trabalho; Tipo de trabalho; Trabalha a tempo completo ou parcial; Tipologia de áreas urbanas; Região NUTSII; Tipo de agregado; Dimensão do agregado; Número de filhos; Nível de escolaridade; Sexo; Origem étnico-racial).

É de salientar que para calcular a variável quintis de rendimentos, divide-se a população em cinco grupos iguais ordenados pela variável “rendimento por adulto equivalente” (20% da população em cada grupo), que resulta da divisão do rendimento de cada agregado doméstico pela sua dimensão em termos de adultos equivalentes, utilizando a escala modificada de equivalência da OCDE, que atribui a um adulto o valor 1,0, a cada um de outros adultos 0,5 e a cada criança 0,3.

É ainda de notar que a variável que deu origem aos quintis de rendimentos, o intervalo de rendimentos auferidos por adulto equivalente, considera todos os rendimentos com carácter regular: rendimentos de trabalho por conta de outrem ou por conta própria, prestações sociais (pensões, abonos, subsídios, etc.), rendimentos de capitais (juros de depósitos bancários e obrigações, dividendos de ações, etc.), rendimentos prediais, transferências de outros agregados (pensões de alimentos e outras transferências regulares), não considerando os rendimentos com carácter irregular ou extraordinário (por exemplo, mais valias na venda de ações ou de imóveis, bónus ou heranças). Por fim, é considerado apenas o rendimento depois de deduzidos impostos, contribuições para a Segurança Social e contribuições voluntárias, bem como transferências para outros agregados (por exemplo, pensões de alimentos).

CONDIÇÕES SOCIAIS

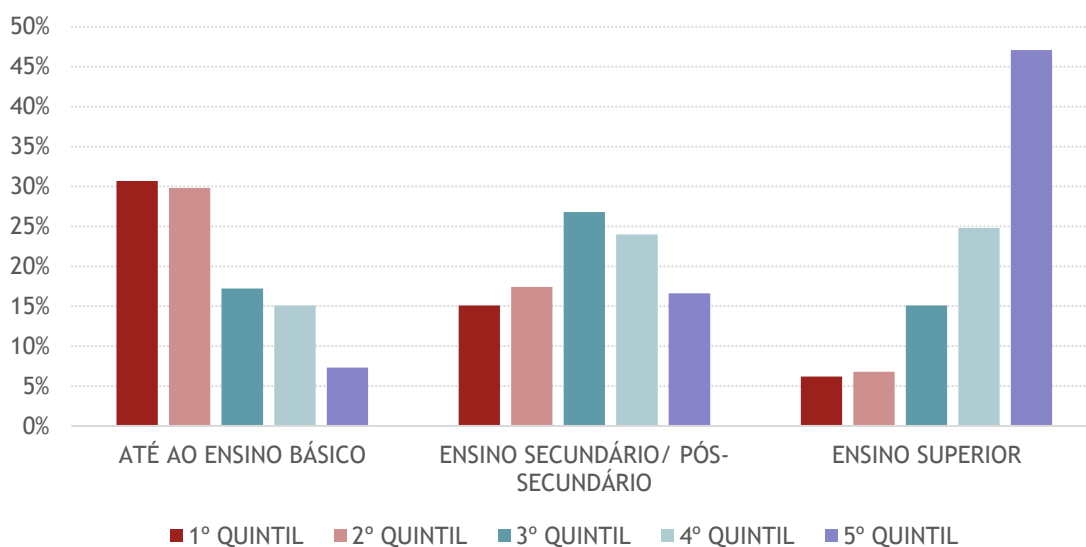
A Figura 1, que ilustra os quintis de rendimentos pelo nível de escolaridade, demonstra uma clara relação entre quem alcançou níveis de escolaridade mais elevados e quem se encontra nos quintis mais elevados, uma vez que enquanto a proporção de detentores até ao 3º ciclo de escolaridade que se inserem nos dois primeiros quintis é de mais de 60%, entre os detentores de ensino superior 47% enquadram-se no 5º quintil e 25% no 4º quintil.

De facto, entre os indivíduos com escolaridade até ao ensino básico, observa-se uma clara concentração dos quintis inferiores. Cerca de 31% encontram-se no 1º quintil e 30% no 2º quintil, o que significa que mais de metade deste grupo se insere nos rendimentos mais baixos. A partir do 3º quintil, os valores diminuem progressivamente, caindo para 7% no 5º quintil, demonstrando uma associação entre baixos níveis de escolaridade e baixos rendimentos.

No caso dos indivíduos com ensino secundário ou pós-secundário, a distribuição é mais equilibrada e centrada nos quintis médios. O grupo atinge o seu valor mais elevado no 3º (27%) e no 4º quintil (24%), sugerindo que este nível de escolaridade corresponde predominantemente a posições de rendimento intermédio. Nos quintis inferiores a presença é mais reduzida que no grupo do ensino básico, e no quintil superior a percentagem desce para 17%. Assim, o ensino secundário parece funcionar como um ponto de transição, permitindo afastar-se dos rendimentos mais baixos, mas sem garantir forte presença nos rendimentos mais altos.

Entre quem obteve o ensino superior, a tendência verificada anteriormente inverte-se. A presença dos quintis mais baixos é muito reduzida (6% no 1º quintil e 7% no 2º quintil), crescendo à medida que se avança nos rendimentos. No 4º quintil o valor cifra-se nos 25%, e no 5º quintil 47%, representando quase metade deste grupo, isto é, quase metade dos portadores de ensino superior situam-se entre os 20% mais ricos.

FIGURA 1. Quintis de rendimento segundo o nível de escolaridade, 2023

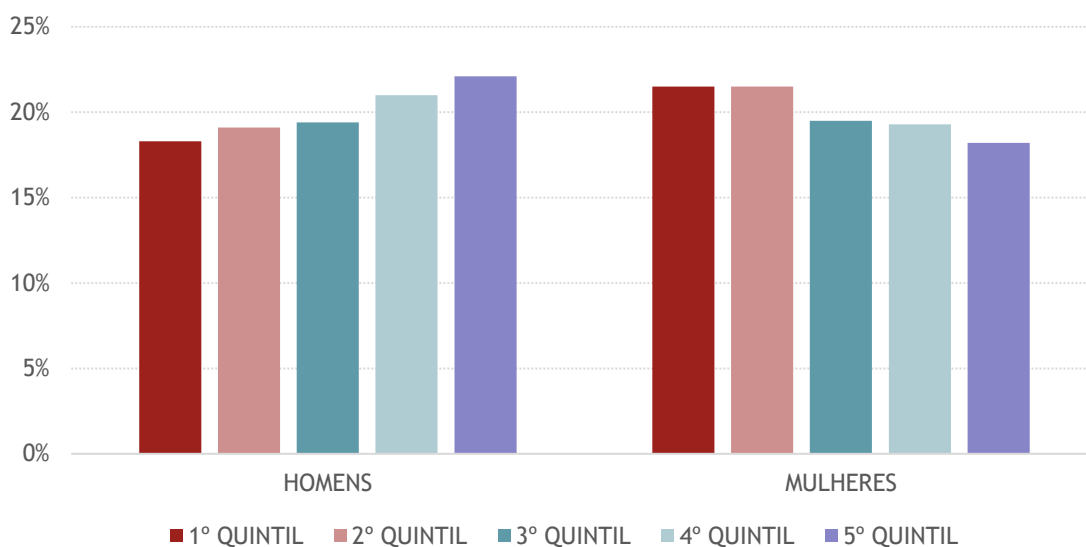


FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

A Figura 2 analisa os quintis de rendimentos segundo o sexo. Embora a diferença não seja muito elevada, existe maior proporção de mulheres nos quintis mais baixos e maior proporção de homens nos quintis mais elevados. Entre os homens, a distribuição dos quintis de rendimentos apresenta uma tendência crescente à medida que se avança nos quintis. A presença nos dois primeiros quintis é relativamente moderada (18% e 19%, respetivamente), mantendo-se estável no 3º quintil (19%). A partir daí, observa-se um aumento progressivo, atingindo 22% no 5º quintil, sendo este o valor mais elevado.

No caso das mulheres, a tendência afigura-se inversa. Há maior concentração nos dois primeiros quintis (ambos com 22%), demonstrando maior presença dos rendimentos mais baixos e médio-baixos. A partir do 3º quintil, as proporções diminuem gradualmente até chegar ao mínimo no 5º quintil (18%). Assim, as mulheres estão mais representadas nos níveis inferiores da distribuição de rendimentos e menos nos superiores, refletindo persistentes desigualdades de género no acesso a rendimentos mais elevados.

FIGURA 2. Quintis de rendimento segundo o sexo, 2023



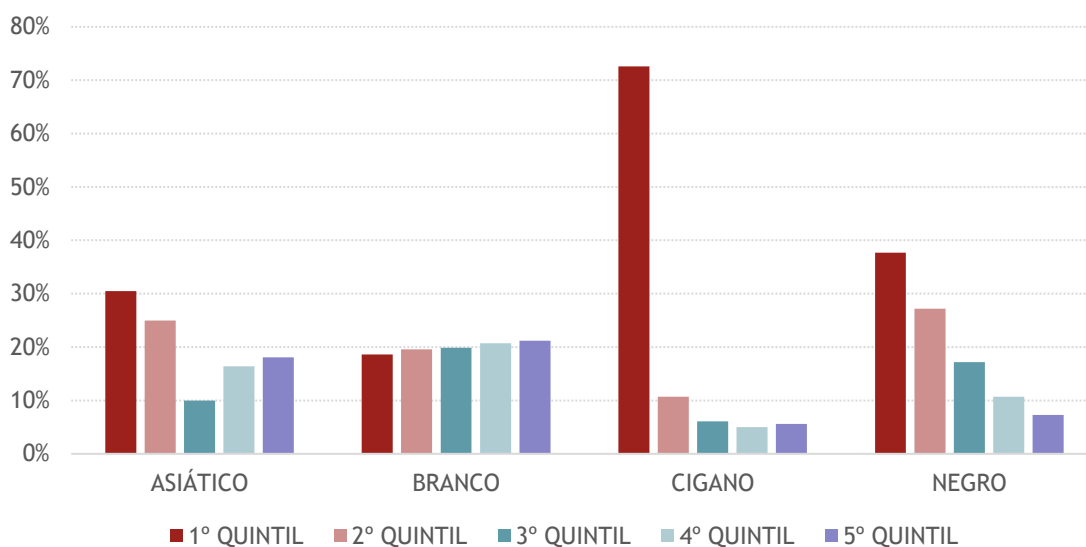
FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

A Figura 3 apresenta a relação entre os quintis de rendimentos e a pertença étnico-racial². Os indivíduos que se identificam enquanto asiáticos evidenciam uma concentração dos quintis de rendimentos inferiores, uma vez que 31% se encontram no 1º quintil e 25% no 2º quintil. A partir do 3º quintil a presença desce consideravelmente (10%) e nos quintis superiores os valores mantêm-se relativamente baixos (16% e 18%, respetivamente).

Os indivíduos que se identificam enquanto brancos apresentam uma distribuição bastante homogénea, com valores a variar entre 19% e 21%, com um ligeiro aumento nos quintis superiores. Entre quem se identifica enquanto cigano, a desigualdade é extrema, uma vez que 73% pertencem ao 1º quintil, sendo esta a concentração mais elevada em qualquer grupo analisado. De notar ainda que a presença dos quintis intermédios e superiores é bastante reduzida (entre 5% e 10%). Os indivíduos que se identificam enquanto negros também se encontram sobre representados nos rendimentos mais baixos, com 38% no 1º quintil e 27% no 2º quintil. A presença diminui progressivamente à medida que se avança nos quintis de rendimentos, atingindo 7% no 5º quintil.

² Esta é uma pergunta acerca da auto-representação dos inquiridos, tendo sido formulada da seguinte forma: “Portugal é uma sociedade com pessoas de diversas origens. Pretende-se melhorar a informação sobre essa diversidade na sociedade portuguesa, pelo que gostaríamos que respondesse a algumas questões sobre a forma como se identifica relativamente à sua origem, pertença, história ou percurso familiar. Utilizando as seguintes opções, ou “Prefere não responder” ou “Não sabe”, qual ou quais melhor definem o grupo a que considera pertencer?”

FIGURA 3. Quintis de rendimento segundo a pertença étnico-racial, 2023



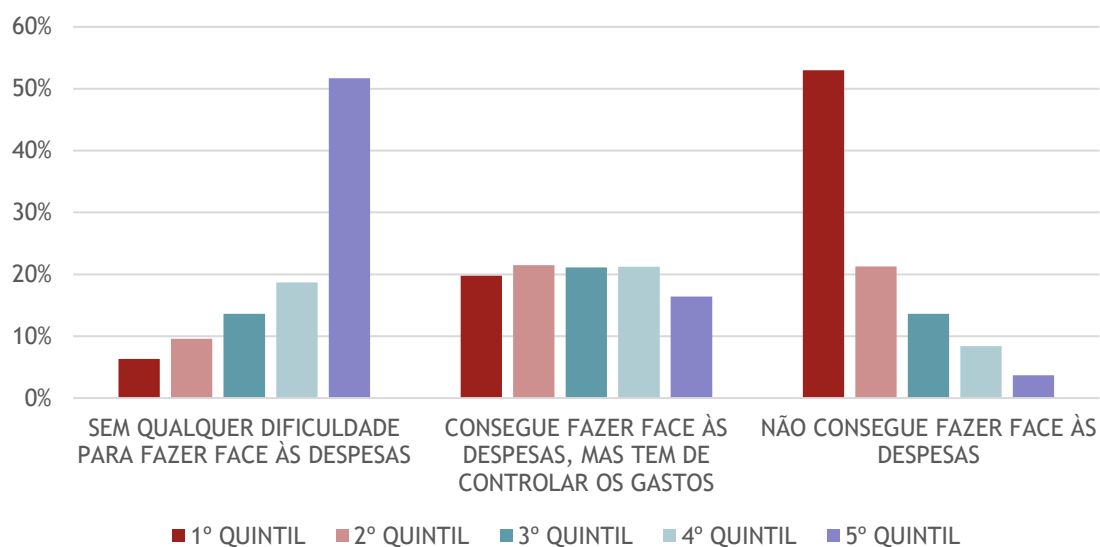
FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

A Figura 4, que ilustra os quintis de rendimentos pela condição financeira do agregado familiar, evidencia uma estreita relação entre os quintis de rendimento e a condição financeira do agregado familiar. De facto, mais de metade dos indivíduos que afirmam não ter qualquer dificuldade para fazer face às despesas (52%) estão inseridos no 5º quintil, peso que diminui à medida que se aproxima do 1º quintil, que se cifra em 6%.

Entre quem consegue fazer face às despesas mas tem de controlar os gastos a distribuição entre quintis é homogénea, embora mais centrada nos quintis médios. O 5º quintil é aquele que obtém menor peso (16%), seguindo do 1º quintil (20%), sendo que os restantes ultrapassam todos os 20%.

Entre os indivíduos que não conseguem fazer face às despesas, 53% situam-se no 1º quintil, o que espelha o peso relevante do 1º quintil neste grupo. A distribuição nos restantes quintis vai diminuindo progressivamente, até atingir o seu valor mínimo no 5º quintil, de 4%.

FIGURA 4. Quintis de rendimento segundo a condição financeira do agregado familiar, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

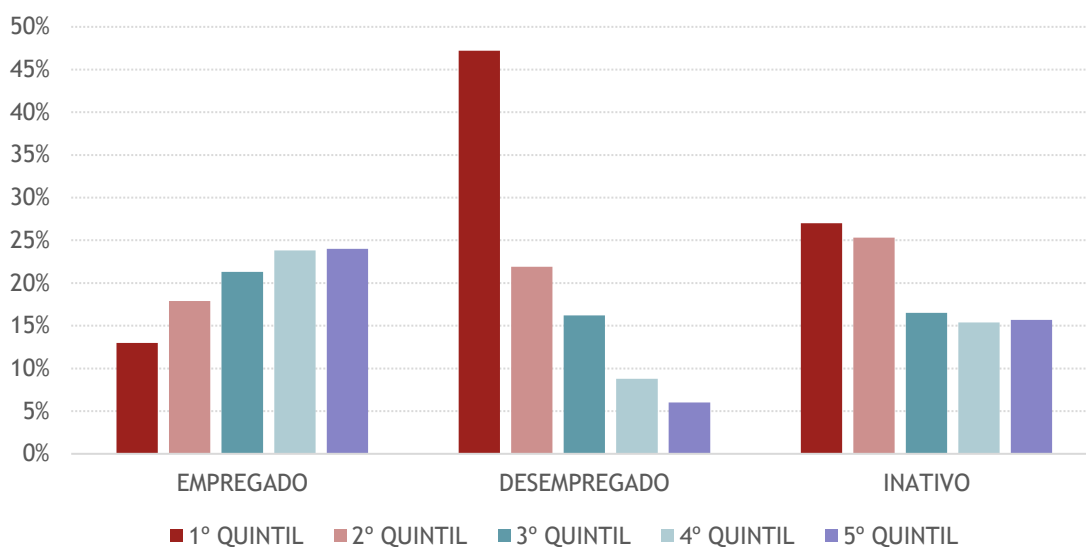
MERCADO DE TRABALHO

A análise da pobreza no presente estudo irá incidir no cruzamento entre os quintis de rendimento e diversas variáveis sociais e económicas, sendo a análise feita por linha (de modo a compreender como se distribuem os quintis dentro de cada categoria, tendo cada categoria 100%). Quando se analisa a condição perante o trabalho, constata-se que entre os empregados existe uma maior proporção dos quintis mais elevados, situando-se 13% no 1º quintil, 18% no 2º quintil, 21% no 3º quintil e 24% no 4º e no 5º quintil, sendo estes os valores mais elevados.

A situação inversa verifica-se entre os desempregados, uma vez que à medida que se avança nos quintis, diminui a peso destes. De facto, constata-se que entre os desempregados, o 1º quintil é o que obtêm mais peso, representando quase metade dos indivíduos (47%), isto é, quase metade dos desempregados estão entre os 20% mais pobres. Este valor vai progressivamente obtendo menos peso à medida que se avança nos quintis, representando no 5º quintil 6% dos desempregados.

Entre os inativos, a tendência situa-se entre as duas categorias anteriores. Há ainda uma presença relativamente elevada nos quintis inferiores (27% no 1º quintil e 25% no 2º quintil), mas a distribuição torna-se mais homogénea nos restantes, com 17% no 3º quintil e valores muito próximos nos quintis superiores (15% e 16%, respetivamente).

FIGURA 5. Quintis de rendimento segundo a condição perante o trabalho, 2023



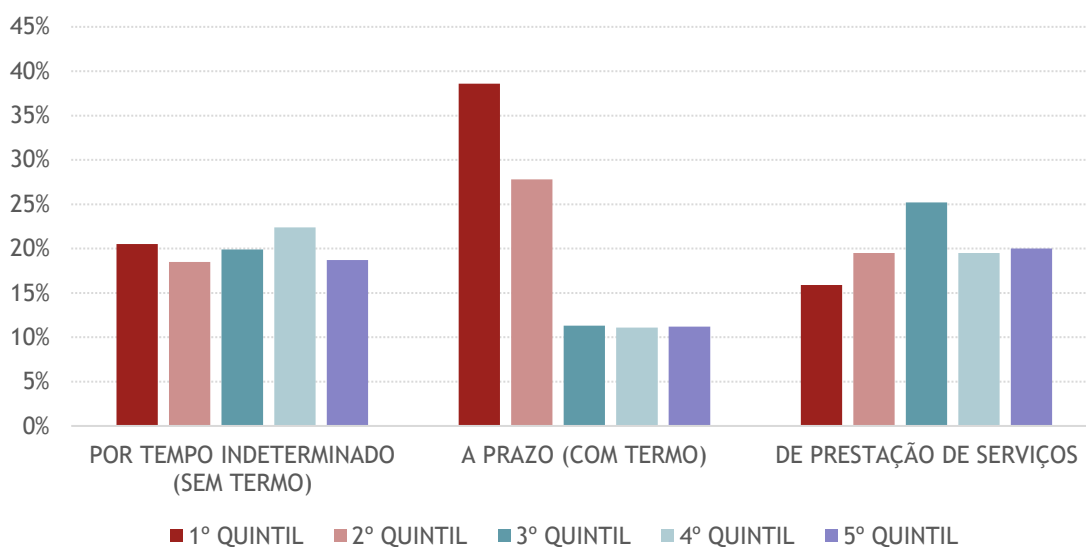
FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

A Figura 6 analisa os quintis de rendimento segundo o tipo de contrato. Entre os trabalhadores com contrato por tempo indeterminado (ou seja, sem termo), a distribuição por quintis de rendimento é relativamente equilibrada. Os valores variam entre 18,5% e 22,4%, mostrando que os contratos permanentes abrangem trabalhadores com rendimentos bastante diversos, não sendo marcadamente associado a nenhum quintil.

No caso dos contratos a prazo (ou seja, a termo), a distribuição é muito mais desigual. Quase quatro em cada dez trabalhadores deste grupo situam-se no 1º quintil (39%), revelando uma forte concentração dos rendimentos mais baixos. A proporção diminui significativamente à medida que se avança nos quintis, ficando abaixo dos 12% nos três quintis superiores. Este padrão evidencia a maior precariedade e os salários mais baixos associados aos contratos a termo, traduzindo-se numa concentração dos rendimentos mais reduzidos e numa quase ausência dos rendimentos mais altos.

Já entre quem trabalha por prestação de serviços, a distribuição assume uma forma diferente. Verifica-se um menor peso nos rendimentos mais baixos (16% no 1º quintil), seguido de um aumento gradual até atingir o pico no 3º quintil (25%). Nos quintis superiores, a presença mantém-se relativamente estável (cerca de 19,5% a 20%). Assim, este grupo mostra uma concentração mais significativa nos rendimentos médios, com menor presença tanto nos extremos inferiores como nos superiores, sugerindo perfis de rendimento mais heterogéneos centrados nos rendimentos médios.

FIGURA 6. Quintis de rendimento segundo o tipo de contrato, 2023

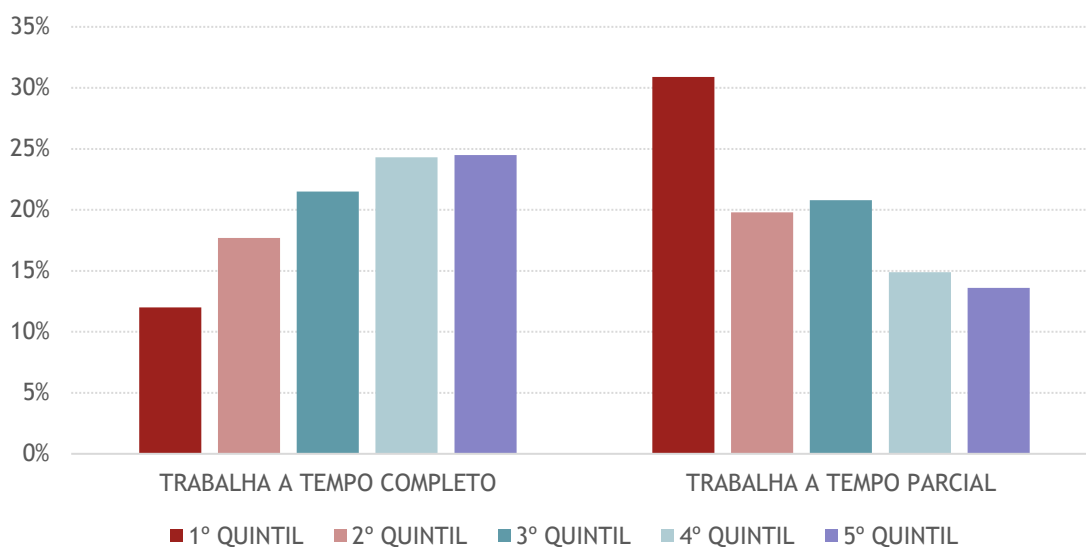


FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

A Figura 7 demonstra que, entre quem trabalha a tempo completo, se observa uma concentração crescente à medida que se avança na distribuição de rendimentos. Apenas 12% pertencem ao 1º quintil, aumentando de forma consistente até atingir 25% no 5º quintil. Esta evolução sugere que o trabalho a tempo completo está fortemente associado a rendimentos médios e médio-altos, sendo menos frequente entre os grupos com menores rendimentos.

Por outro lado, entre quem trabalha a tempo parcial, verifica-se a tendência inversa, encontrando-se uma maior concentração no 1º quintil (31%), o que evidencia uma forte presença nos rendimentos mais baixos. A partir daí, a proporção diminui de forma constante, até atingir 14% no 5º quintil. Tal indica que o trabalho a tempo parcial está mais associado a rendimentos mais baixos.

FIGURA 7. Quintis de rendimento segundo o trabalho a tempo completo ou a tempo parcial, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

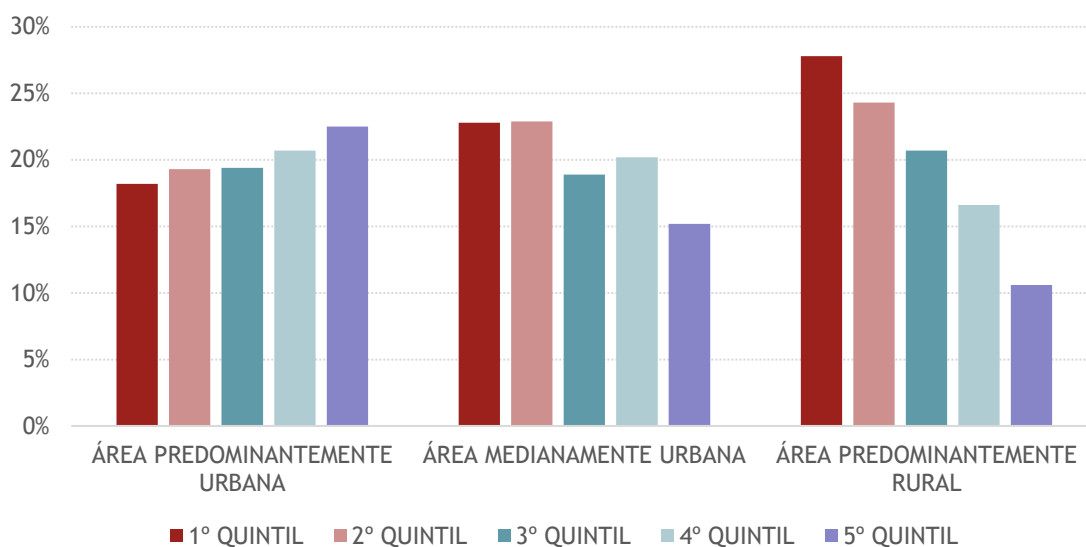
TERRITÓRIO

A Figura 8 ilustra os quintis de rendimento pela tipologia de áreas urbanas. Como é possível constatar, existe uma maior proporção dos quintis mais elevados entre quem vive em áreas predominantemente urbanas, isto é, a população com rendimentos mais elevados é mais preeminente entre quem habita áreas predominantemente urbanas, comparativamente com os que auferem rendimentos mais baixos. Os três primeiros quintis apresentam valores muito próximos (entre 18% e 19%) e a partir do 4º quintil observa-se um aumento gradual, atingindo 23% no quintil mais elevado.

Em sentido oposto, entre a população que reside em áreas predominantemente rurais, o fenómeno é inverso, diminuindo progressivamente à medida que se aproxima dos mais ricos. De facto, entre os que habitam áreas predominantemente rurais, 28% situa-se no 1º quintil, enquanto 11% se encontra no 5º quintil.

Já entre as áreas medianamente urbanas, e embora o 5º quintil continue a ser o menos representado (15%), a diferença entre quintis não é tão marcada como nas duas áreas anteriores, em que se nota uma clara progressividade entre quintis.

FIGURA 8. Quintis de rendimento segundo a tipologia de áreas urbanas, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

Através da Figura 9, que ilustra os quintis de rendimento pelas regiões NUTSII em 2023, é possível verificar a existência de padrões territoriais bastante marcados. A distribuição dos rendimentos no Norte é relativamente equilibrada entre os diferentes quintis. Os dois primeiros quintis concentram proporções semelhantes (22% ambos), sugerindo uma presença significativa de rendimentos mais baixos e médio-baixos. Os valores diminuem progressivamente a partir do 3º quintil, atingindo 18% no 5º quintil, o que indica que esta região tem menor peso relativo dos rendimentos mais elevados, demonstrando uma estrutura de rendimento mais concentrada na metade inferior da distribuição.

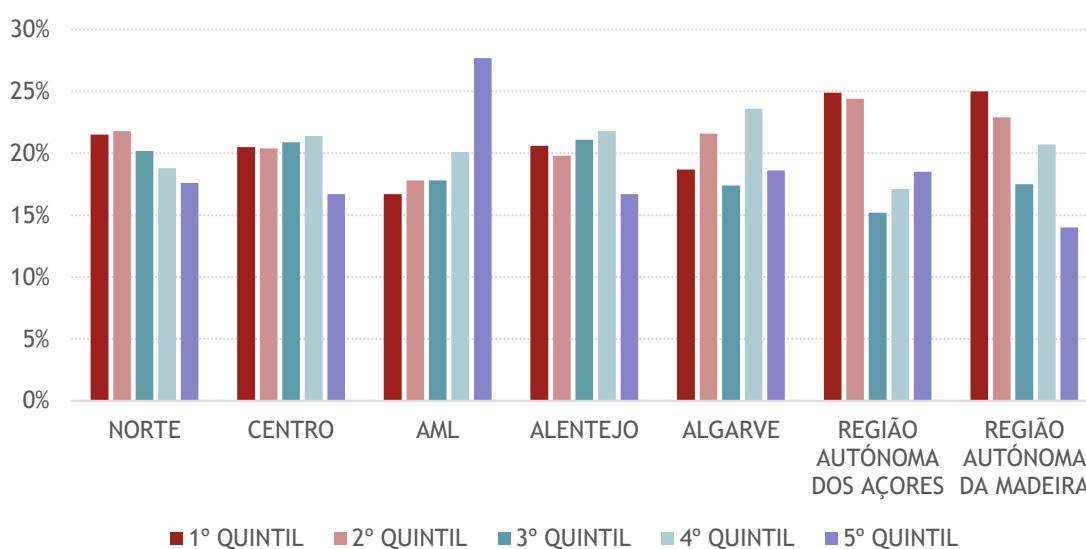
No Centro os três primeiros quintis apresentam valores muito próximos (entre 20% e 21%), o que sugere uma maior homogeneidade interna. O 4º quintil regista uma ligeira subida (21%), mas a queda acentuada no 5º quintil (17%) mostra que a região tem menor representatividade nos grupos de rendimento mais elevado. Tal como no Norte, a distribuição tende a concentrar-se nos rendimentos baixos e médios, com menor presença nos mais altos.

Na AML verifica-se um padrão distinto das restantes regiões, uma vez que os quintis inferiores têm menor peso relativo (17% e 18% nos dois primeiros), e a proporção cresce de forma consistente até ao 5º quintil, onde atinge 28%. Este é o valor mais elevado entre todas as regiões, evidenciando uma marcada concentração de indivíduos nos níveis de rendimento mais altos nesta região. A AML é, assim, a região mais assimétrica, com claro destaque para os rendimentos médio-altos e altos.

No Alentejo a distribuição mostra relativa estabilidade até ao 4º quintil (entre 20% e 22%), mas, tal como verificado noutras regiões, o 5º quintil regista um decréscimo (17%). A região caracteriza-se, portanto, por uma predominância dos rendimentos baixos e médios, com menor peso nos rendimentos mais elevados. No Algarve a distribuição é menos regular, existindo uma ligeira concentração no 2º (22%) e no 4º quintil (24%), enquanto os restantes variam entre 17% e 19%. O 5º quintil mantém um valor intermédio (19%), o que indica que o Algarve não se destaca nem nos rendimentos mais baixos, nem nos mais altos, apresentando uma estrutura mais dispersa e menos linear.

A Região Autónoma dos Açores evidencia uma forte concentração nos rendimentos mais baixos, marcada pela forte presença dos quintis mais baixos (25% no 1º quintil e 24% no 2º). Esta proporção diminui abruptamente a partir do 3º quintil (15%), mantendo-se baixa até ao 5º quintil. Tal padrão indica que esta é uma região mais marcada pela pobreza, com forte polarização para os rendimentos mais reduzidos e fraca presença nos rendimentos mais altos. A Região Autónoma da Madeira apresenta um perfil semelhante ao dos Açores, com valores muito elevados nos dois primeiros quintis (25% e 23% respetivamente) e uma queda contínua até ao 5º quintil, que regista apenas 14%. A região evidencia assim maior concentração de população nos rendimentos baixos e baixa presença de rendimentos elevados.

FIGURA 9. Quintis de rendimento segundo a região NUTSII, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida às Condições de Vida

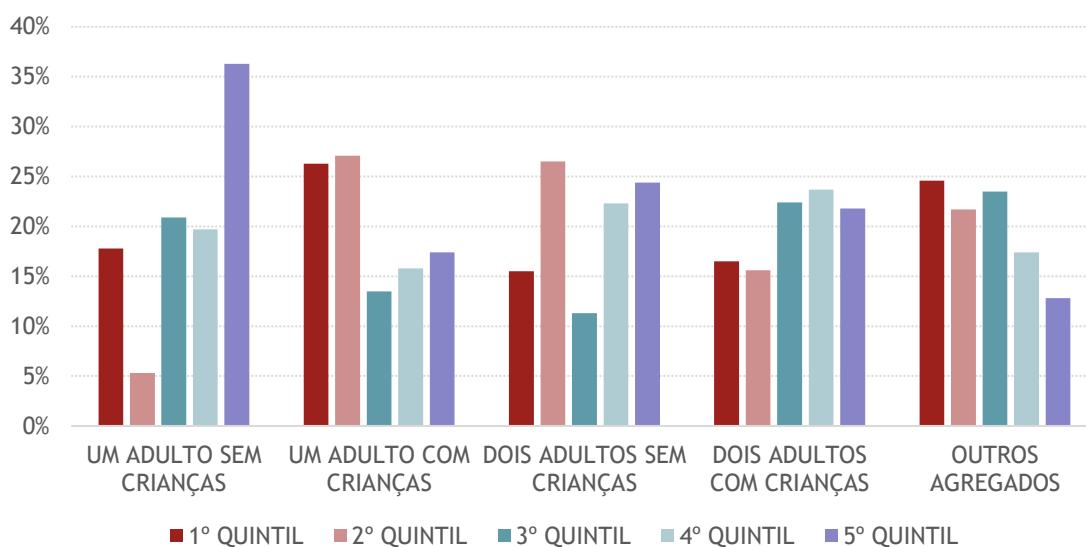
AGREGADOS FAMILIARES

Através da Figura 6, que ilustra os quintis de rendimento pelo tipo de agregado em 2023, é possível notar que entre os agregados compostos por um adulto sem crianças existe maior proporção do 5º quintil (36%) e menor dos dois primeiros quintis (18% e 5%, respetivamente). Contrariamente, quando se analisam os agregados constituídos por um adulto com crianças, os dois primeiros quintis são os mais representados (26% e 27%, respetivamente). Neste sentido, constata-se que existe uma maior predominância dos indivíduos que auferem rendimentos mais altos nos agregados de um adulto sem crianças e dos indivíduos mais pobres nos agregados compostos por um adulto com crianças, podendo ser a existência de crianças um tendencial diferenciador nos rendimentos.

Nos agregados compostos por dois adultos sem crianças, a distribuição é mais heterogénea. Verifica-se uma elevada presença no 2º (27%) e no 5º quintil (24%), sugerindo que uma parte destes agregados se encontra com rendimentos baixos/médio-baixos, enquanto outra parte está nos rendimentos mais elevados. Entre os agregados constituídos por dois adultos com crianças, observa-se também uma distribuição relativamente equilibrada, com maior concentração nos quintis intermédios e superiores.

Quando a análise se foca nos indivíduos inseridos noutros agregados (expectavelmente com mais de 2 adultos com ou sem crianças), é de salientar que um quarto destes se concentra no 1º quintil (25%), sendo que o 2º quintil representa 22%.

FIGURA 10. Quintis de rendimento segundo o tipo de agregado, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

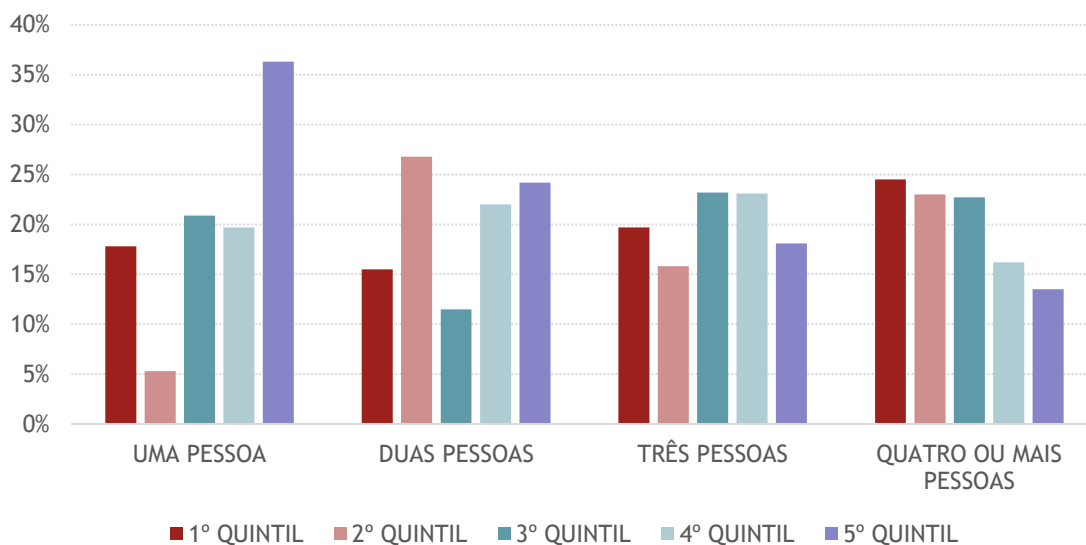
A Figura 11 analisa os quintis de rendimentos pela dimensão dos agregados. Enquanto entre os agregados compostos por uma pessoa, 36% se inserem no 5º quintil e 18% no 1º quintil (sendo de notar que 5% se encontram no 2º quintil), entre os agregados constituídos por quatro ou mais pessoas os valores invertem-se, sendo que 25% dos indivíduos neste grupo inserem-se no 1º quintil e 23% no 2º quintil, tendo o 5º quintil um peso relativamente reduzido (13,5%).

De facto, nos agregados compostos por uma só pessoa, observa-se uma forte polarização da distribuição de rendimentos. O valor mais elevado surge claramente no 5º quintil (36%), indicando que uma parte significativa dos indivíduos que vivem sozinhos se encontra nos rendimentos mais altos. No entanto, também há alguma presença dos quintis inferiores (18% no 1º quintil), embora o valor do 2º quintil seja muito baixo (5%). Nos agregados compostos por duas pessoas, a distribuição é bastante diversa, com valores mais elevados no 2º (27%) e no 5º quintil (24%). Tal indica a coexistência de agregados deste tipo distintos: uma parte significativa encontra-se em rendimentos baixos/médio-baixos, enquanto outra parte se localiza nos rendimentos mais elevados. Os restantes quintis apresentam valores intermédios (entre 12% e 22%).

Entre os agregados com três pessoas a distribuição é relativamente equilibrada, com maior concentração nos quintis centrais. O 3º (23%) e o 4º quintil (23%) apresentam os valores mais elevados, sugerindo uma forte presença deste tipo de agregado nos rendimentos intermédios. Nos quintis inferiores, os valores são mais baixos (20% e 16%,

respetivamente), diminuindo também no quintil superior (18%). Nos agregados com quatro ou mais pessoas destaca-se uma concentração acentuada dos quintis inferiores, uma vez que 25% se encontram no 1º quintil e 23% no 2º quintil. A partir daí, as percentagens diminuem progressivamente (23% no 3º quintil, 16% no 4º quintil e 14% no 5º quintil). Esta tendência evidencia uma relação entre agregados maiores e rendimentos mais baixos, surgindo assim a dimensão do agregado enquanto um fator de desigualdades.

FIGURA 11. Quintis de rendimento segundo a dimensão do agregado, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

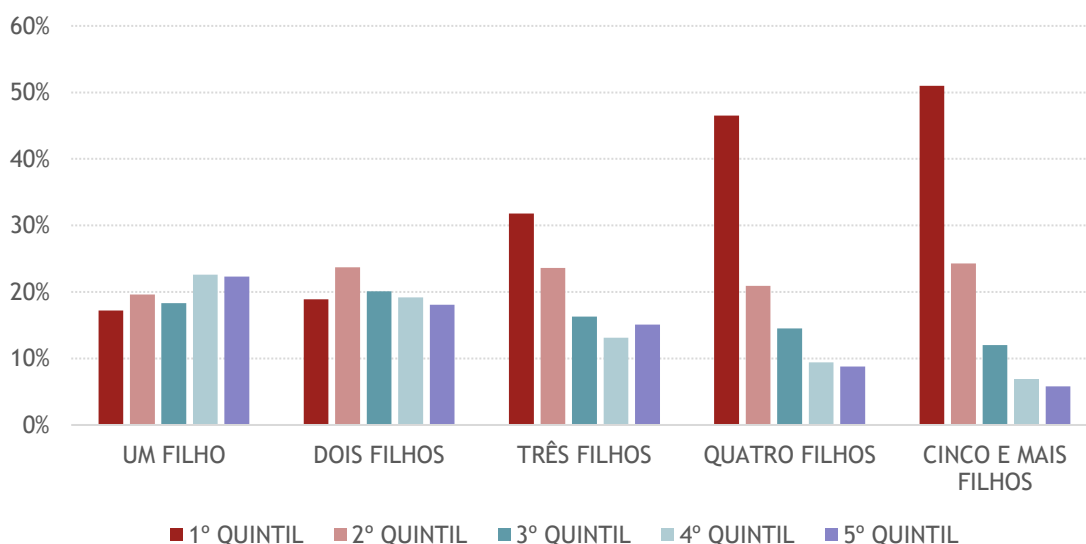
Através da Figura 12 constata-se que quão mais elevado é o número de filhos, tendencialmente maior peso assumem os quintis de rendimentos mais reduzidos. Entre os agregados com um filho, a distribuição dos rendimentos é relativamente equilibrada, com valores que variam entre 17% e 23%. A maior concentração surge no 4º (23%) e no 5º quintil (22%), sugerindo que os agregados com um único filho têm uma presença razoável nos rendimentos médios e médio-altos, sem uma concentração particular nos extremos, com uma distribuição relativamente homogénea.

Nos agregados com dois filhos, a tendência desloca-se ligeiramente para os quintis intermédios. O 2º quintil é o mais representado (24%), seguido do 3º quintil (20%), enquanto os extremos (1º e 5º quintis) apresentam valores mais baixos (19% e 18%, respetivamente), indicando que os agregados com dois filhos tendem a situar-se mais frequentemente nos rendimentos médios.

Entre os agregados com três filhos, a presença dos quintis inferiores torna-se mais evidente. O 1º quintil representa 32%, o valor mais elevado deste grupo, seguido do 2º quintil (24%). À medida que se avança nos quintis de rendimentos, o seu peso desce de forma consistente, atingindo 15% no 5º quintil.

Nos agregados com quatro filhos esta tendência acentua-se ainda mais. Quase metade deste grupo encontra-se no 1º quintil (47%), evidenciando uma forte concentração dos rendimentos mais baixos. A proporção diminui progressivamente ao longo dos quintis, atingindo 9% no 5º quintil. Entre os agregados com cinco ou mais filhos, a concentração dos rendimentos mais baixos torna-se ainda mais marcada, uma vez que 51% se situa no 1º quintil e 24% no 2º quintil. Nos quintis superiores, os valores são residuais (entre 12% e 6%), mostrando que estes agregados têm maior tendência para se situarem entre os mais pobres.

FIGURA 12. Quintis de rendimento segundo o número de filhos, 2023



FONTE: INE, Inquérito às Condições de Vida, Origens e Trajetórias da População Residente, 2023

NOTAS FINAIS

A análise transversal dos vários indicadores evidencia a persistência de desigualdades sociais consistentes entre diferentes grupos da população. Em praticamente todas as variáveis analisadas, desde a escolaridade, condição perante o trabalho, tipologia e dimensão do agregado, sexo, área de residência ou pertença étnico-racial, observa-se uma relação marcada entre estas e a distribuição pelos quintis de rendimentos. Na maioria dos casos, os grupos estruturalmente mais vulneráveis encontram-se sobre representados nos quintis inferiores, enquanto os mais favorecidos surgem mais frequentemente nos quintis superiores.

Esta é uma clivagem que se estende ao mercado de trabalho: o desemprego e o trabalho a tempo parcial associam-se fortemente a rendimentos baixos, ao invés do emprego a tempo completo e dos contratos sem termo, que se concentram nos níveis de rendimento mais elevados. De facto, 39% dos indivíduos com contratos a prazo inserem-se entre os 20% mais pobres, sendo esta a modalidade contratual em que os quintis de rendimento mais baixos estão mais presentes. Um fenómeno semelhante acontece entre os desempregados, uma vez que quase metade dos desempregados se situam entre os 20% mais pobres.

As desigualdades territoriais são também evidentes. As áreas predominantemente rurais apresentam maior peso dos rendimentos mais baixos, enquanto as áreas urbanas demonstram maior presença nos quintis superiores. Quando se analisam as NUTSII, verifica-se uma concentração no 1º e 2º quintis nas regiões autónomas e, em sentido oposto, uma sobrerepresentação no 5º quintil na AML, destacando as desigualdades verificadas entre regiões.

Por sua vez, os agregados monoparentais e as famílias numerosas apresentam maior probabilidade de pertencer aos quintis com rendimentos mais baixos, reforçando a importância da composição e da dimensão familiar na reprodução das desigualdades.

As desigualdades escolares revelam-se particularmente determinantes. Indivíduos com escolaridade até ao ensino básico tendem a apresentar maior peso dos rendimentos mais baixos, enquanto quase metade dos indivíduos com ensino superior se encontra nos 20% mais ricos. Também as desigualdades étnico-raciais estão presentes na análise, uma vez que os indivíduos que se identificam enquanto ciganos, negros e, em menor grau, asiáticos, estão sobrerepresentados nos quintis mais baixos, revelando assimetrias estruturais

profundas e persistentes. Em contrapartida, quem se identifica enquanto branco apresenta uma distribuição mais equilibrada e com maior peso dos rendimentos mais elevados.

Deste modo, os dados analisados demonstram que o rendimento e a pobreza seguem tendências que refletem desigualdades sociais, económicas, no mercado de trabalho, territoriais, familiares, escolares e étnico-raciais profundamente enraizadas.